

TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO,  
JÜRGEN HABERMAS

Matheus Henrique Costa Silva<sup>1</sup>  
Eli Carlos Dal'Pupo<sup>2</sup>

76

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar a teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas bem como sua importância para a conclusão do projeto da Modernidade, o qual, segundo o pensador alemão, encontra-se inacabado. Habermas propõe uma mudança de paradigmas que tem por missão mudar o eixo da razão, passando de uma razão instrumental para a razão comunicativa, que visa a interação dos sujeitos bem como o entendimento entre eles. Desta forma, o filósofo pretende concluir o projeto da Modernidade instaurando um novo paradigma filosófico evidenciando a linguagem enquanto possibilidade de entendimento intersubjetivo. Para tal, o autor irá utilizar a teoria dos atos de fala de Austin, evidenciará o mundo da vida como sendo o local de possibilidade para a comunicação e para o entendimento entre os sujeitos, e fará sua crítica a invasão do mundo da vida pelo processo de reificação e sucesso pessoal, que foi o pressuposto para fazer com que o projeto da Modernidade falisse. Habermas quer retomar a razão, porém não a razão que esclarece um indivíduo apenas, mas a razão comunicativa para esclarecer a sociedade. O filósofo investe no sujeito inserido na sociedade, pois é através das relações que eles se esclarecem.

**Palavras-chave:** Agir Comunicativo. Entendimento. Habermas. Linguagem. Razão Comunicativa.

**RESUMEN:** Lo presente artículo tiene por el objetivo presentar la teoría de lo agir comunicativo del Jürgen Habermas bien cómo la importancia para la conclusión del proyecto de la Modernidad, en la cual, segundo el pensador alemán, encuentras inacabado. Habermas propone un cambio de paradigmas que tiene por misión cambiar lo eje de la razón, pasando de una razón instrumental para la razón comunicativa, que visa sobretudo la interacción de los sujetos bien como el entendimiento entre ellos. Todavía, lo filósofo quiere concluir lo proyecto de la Modernidad empeçando un nuevo paradigma filosófico evidenciando la lenguaje en cuánto posibilidad de entendimiento intersubjetivo. Por lo tal, el autor va utilizar la teoría de los actos de decir del Austin, evidenciará lo mundo de la vida como siendo el local de la posibilidad para la comunicación e para lo entendimiento entre los sujetos y iba hacer su crítica a la invasión del mundo de la vida, que fuera presupuesto para hacer con que el proyecto de la Modernidad acabase. Habermas quiere regresar a la razón, por lo tanto, no a la razón que esclarece un individuo sólo, más a la

<sup>1</sup> Graduando no curso de bacharelado em Filosofia pela Faculdade Vicentina – FAVI. Contato: henriquecmateusilva@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia – PUCPR, especialista em Filosofia com ênfase em Ética - PUCPR, mestre em Filosofia – PUCSP. Professor da Faculdade da Indústria - IEL, da Faculdade Vicentina e diretor de escola.

razón comunicativa para esclarecer a la sociedad. El filósofo inviste el lo sujeto inserido en la sociedad, pues es a través de las relaciones que ellos se esclarecen.

**Palabras-claves:** Actuación comunicativa. Entendimiento. Habermas. Lenguaje. Razión comunicativa.

## INTRODUÇÃO

Nos anos 60 e 70, aconteceu, na Filosofia, um evento marcante chamado de virada linguística. Nesta virada, é introduzida a razão comunicativa como tema da filosofia pós-moderna. Pensadores como Wittgenstein, apontaram que os problemas da filosofia são problemas de linguagem, ou seja, do mau uso da linguagem. A partir da virada linguística a filosofia passa de uma filosofia da consciência para a filosofia da linguagem possibilitando a independência da metafísica, fazendo a linguagem um meio para o entendimento.

Por isso, este artigo tem por objetivo apresentar a teoria do agir comunicativo de Jürgen Habermas, grande expoente da filosofia da linguagem, bem como sua contribuição para a superação da visão pessimista que a Escola de Frankfurt tem a respeito da Modernidade. Habermas, partindo da ideia de razão comunicativa, quer conduzir os sujeitos para um novo tipo de racionalidade, que possa conduzir ao entendimento e posteriormente ao consenso.

O presente trabalho, para chegar ao seu fim, apresentará a modernidade e seu projeto que é o esclarecimento, a partir do que Kant diz a respeito do que seja esclarecimento e como o sujeito chega a uma condição esclarecida. Porém, esse projeto vê-se fracassado e para evidenciar tal fracasso será preciso expor a teoria de Adorno e Horkheimer, a partir de sua obra Dialética do esclarecimento, e como tais autores manifestam sua ideia e da escola de Frankfurt a respeito do projeto de esclarecimento, cujo qual os pensadores frankfurtianos veem como infeliz e assumem uma posição antitética a ele.

A partir da apresentação do que é esclarecimento e a visão de Adorno e Horkheimer, investigar-se-á como Habermas supera a visão primeira da escola de Frankfurt a partir de sua crítica a razão instrumental e sua teoria da modernidade. Habermas muda o eixo de seu tempo, podendo assim arriscar que o autor propõe uma nova revolução copernicana, mudando o modelo de razão a seguir, pois propõe o uso da razão comunicativa.

Habermas supera a visão de Adorno e Horkheimer, seus antecessores na escola de Frankfurt, ao propor a Teoria do agir comunicativo como

um mecanismo para se chegar ao entendimento entre os sujeitos. Apesar de membro da corrente filosófica da teoria crítica, o autor vê que é necessário trazer o sujeito para a sociedade, apesar desta estar sofrendo com a invasão da tecnocracia que ocasionou o fracasso do projeto da modernidade, pois é relacionando-se que ele se torna esclarecido e faz pleno uso de sua racionalidade.

## **1. CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT AO PROJETO DE ESCLARECIMENTO PROPOSTO PELA MODERNIDADE**

### **1.1 CONTEXTUALIZANDO A MODERNIDADE**

78

Modernidade é um momento da tradição humana que se começa a pensar na razão e seu lugar devido na vida da humanidade. O conceito de modernidade é associado quase sempre a um sentido positivo de mudança, transformação, progresso (MARCONDES, 1977, p. 139-141). Nesse período, a sociedade europeia passa por diversas mudanças em amplo espectro: sociais, políticas, morais, literárias, artísticas, científicas, religiosas e filosóficas (ARANHA; MARTINS, 2009).

Como preâmbulo desse novo período da história humana, aconteceu o Renascimento. Este por sua vez é a ruptura, ou transição, da Idade Média. Trata-se de um movimento burguês, que trouxe consigo críticas essenciais para que as grandes mudanças acontecessem, tais como ao sistema feudal; ao poder descentralizado que por sua vez estava nas mãos de uma elite rural; à economia de subsistência e ao monopólio do cristianismo. Como propostas, apresentou o sistema mercantil, que viria se tornar o capitalismo; a centralização política, ideia de nação; a centralização do poder, apoiando um regime absolutista e o antropocentrismo, deixando o teocentrismo de lado, fazendo assim o homem seu principal eixo de pesquisa e medida das coisas. Burke (2008, p. 10) afirma que o Renascimento significava Modernidade.

O Renascimento é responsável pela volta aos clássicos, uma revisitação ao modelo greco-romano, fazendo a literatura, as artes cênicas, as artes plásticas, a arquitetura e outras áreas a moverem-se para rumos diferentes do que se via em geral, graças a todo o mundo estar atrelado ao poder da Igreja, “trata-se de uma volta deliberada, que propunha a ressurreição consciente

(do renascimento) do passado, considerado agora como fonte de inspiração e modelo de civilização” (MARTINS; IMBROISI, 2019). Levou também o humano a se valorizar, colocando-se no centro da questão, trazendo à tona o movimento humanista. Com o antropocentrismo em alta, volta-se a ideia de individualismo, que não é egocentrismo, mas principalmente a construção da subjetividade de cada indivíduo.

Com todas essas rupturas e mudanças de pensamento, surgem nesse meio de transição as universidades laicais que possibilitaram ao ser humano emancipar o conhecimento do ramo teológico e o estudo de novas ciências. A partir deste momento, a razão passa a ser autônoma, independente da fé e sofre a alteração da perspectiva da fundamentação do saber, passando do dado de fé para as perspectivas humanista e naturalista. Com tudo, agora o que vale é o que o cálculo, a observação, as hipóteses e a experimentação podem levar o homem a desvendar, ou conhecer, os fenômenos naturais.

O auge de todo esse período de novas formas de pensar e ver o mundo é o Iluminismo. Consigo, o período traz a crítica as injustiças sociais, ao dogmatismo, a tudo o que pode negar ao homem seu direito de felicidade. Os pensadores iluministas enxergaram que o único instrumento capaz de fazer o homem ser livre e feliz, era a razão, pois o tornava reflexivo. Kant (citado por BRIGIDO, 2017, p. 137), considera a época em questão, fins do século 18 e início do 19, não era esclarecida, mas sim, de esclarecimento.

## 1.2 KANT E O ESCLARECIMENTO

Em 1783, o filósofo Immanuel Kant responde a uma celebre pergunta acerca do que é o esclarecimento (*aufklärung*), termo que estava em alta no período. Kant postula que o esclarecimento é um convite para que o homem faça uso do seu próprio entendimento, que ele ouse saber, que ele se guie por sua razão. É a saída do homem de sua minoridade, ou seja, o homem agora não será guiado por alguém, tendo um razão heterônoma, mas sim uma razão autônoma, sendo ele responsável por suas ações, que seja capaz de se autogovernar, passando assim a ter uma vida autêntica e não ditada por alguém que não seja ele próprio. Brígido (2017, p.138), afirma que:

A minoridade é o estado da vontade que nos faz aceitar a autoridade de outrem, na qual impera a necessidade de ser conduzido por uma outra pessoa, ou mesmo

por uma instituição, uma vez que o sujeito se mostra incapaz de se conduzir por si próprio. Se tem alguém que é responsável por estar na minoridade, é o próprio sujeito.

O estado de minoridade não é falta de entendimento, mas a falta de determinação e de coragem para usar de seu próprio entendimento sem estar tutelado por alguém além de si mesmo (BRÍGIDO, 2017, p. 137).

Ao fazer uso de seu entendimento o sujeito alcança o estado de maioridade, que é o estado em que o sujeito ousa saber (*sapere aude*). Afirma Kant (citado por BRÍGIDO, 2017, p.145), “esse esclarecimento não exige todavia nada mais do que a *liberdade*; e mesmo a mais inofensiva de todas as liberdades, isto é, a de fazer uso público de sua razão em todos os domínios”. A maioridade não é algo inato no ser humano, não vem consigo e nem se pode comprá-la como se faz com um produto no mercado (NODÁRI, 2011, p. 49). Então, para se chegar a esse estado faz-se necessário cumprir duas exigências: romper com as tutelas externas e deixar sua zona de conforto para ser ativo e responsável por suas ações frente ao mundo.

Para deixar a tutela de outrem, é preciso o *sapere aude*, ouvir seu próprio entendimento. Enquanto gritam, “não raciocinai, mas fazei o exercício; não raciocinai, mas pagai; ou até mesmo não raciocinai, mas crede” (KANT, 2017, p. 145), é preciso fazer uso da razão, mas não o uso privado, que impede o esclarecimento de acontecer, mas o uso público. Não é romper no sentido de eliminar, as instâncias que ditam o que se pode ou não fazer, mas ter uma postura reflexiva, crítica a respeito do que se impõe ao sujeito.

Porém, fazer uso público da razão não é suficiente para o processo da maioridade, é preciso também romper com algo que não é explícito, mas que se pode intuir, pois o próprio Kant, diz que o sujeito é o próprio culpado de sua minoridade, essa exigência se dá com a deixa da preguiça, ou seja, os empecilhos internos. Kant (2017, p. 143) pondera que:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma parte tão grande dos homens, libertos há muito pela natureza de toda tutela alheia (*naturaliter majoremnes*), comprazem-se em permanecer por toda sua vida menores; e por isso que é tão fácil a outros instituírem-se seus tutores.

Pode até acontecer de algum sujeito retardar o processo de esclarecimento, mas ao fazer isso ele nega um direito da espécie humana. Kant (citado por NODARI, 2011, p. 50) argumenta que no homem (única criatura racional sobre a terra) aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo. Ou seja, não é meramente tornar o sujeito esclarecido, mas a espécie humana, eis o projeto da humanidade, esclarecer os seres humanos.

### 1.3 A DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

Para enredar na *Dialética do Esclarecimento*, obra de Adorno e Horkheimer, é preciso situar um grande expoente que é a Escola de Frankfurt. Ela surgiu na década 1920, sob a orientação socialista e materialista e é a responsável pela propagação da teoria crítica da sociedade. A Escola de Frankfurt vê que a sociedade necessita ser analisada como um todo, e não dividida em setores, pois sua investigação é a partir da totalidade e da dialética. Toda sua crítica a sociedade é feita num determinado contexto histórico, pois se dá no período do pós-guerra, onde o fascismo e o nazismo causaram estrago. Reale e Antiseri (2006, p. 471) pondera que:

As correntes filosóficas contemporâneas, como também a arte da vanguarda, a tecnologia, a indústria cultural, a psicanálise e o problema do indivíduo na sociedade moderna são temas que se interligam na reflexão dos expoentes da Escola de Frankfurt.

É nesse contexto que Adorno e Horkheimer escrevem a obra *Dialética do Esclarecimento*, um contexto que visa analisar a sociedade e bem como o projeto que rege esta sociedade, que é a razão Iluminista.

Adorno e Horkheimer, assim como os demais teóricos críticos da primeira geração da Escola de Frankfurt, evidenciam que a razão moderna decretou a submissão do homem ao consumo, ao capital e ao sistema. Por isso, os pensadores, Adorno e Horkheimer escrevem a obra *Dialética do Esclarecimento*, que segundo Nodári (2011, p. 54) tem por princípio “criticar a razão atrofiada. Urge criticar a razão instrumental que mais serviu para dominar, explorar, fazer guerras, a, de fato, buscar emancipar todo gênero humano”.

O esclarecimento não é um período histórico, mas como notou-se anteriormente, Kant remete o esclarecimento como sendo uma proposta para tornar a espécie humana esclarecida, propondo a libertação dos sujeitos, a ideia de igualdade e assim os convidando a ousar saber (*sapere aude*). Entretanto, essa tentativa de esclarecer o homem, torná-lo autônomo e livre, não se sustentou por muito tempo, Adorno e Horkheimer, trataram de fazer uma séria crítica a civilização ocidental, que caminhava com o projeto do esclarecimento, o qual segundo eles:

O esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo (ADORNO; HORKHEIMER 1985, p. 19).

Deste modo, o projeto que visava libertar, apenas desencantou o homem e o conduziu a uma razão atrofiada, que como se sabe todo esse processo culminou em guerras, disputas bélicas com ajuda da ciência e uma razão instrumental.

A crítica central da obra se dá à razão instrumental do pensamento iluminista, que tinham a ciência e a técnica como grandes instrumentos esclarecedores. Adorno e Horkheimer veem que o esclarecimento pretendeu livrar os homens dos medos, dos deuses e dos pensamentos dogmáticos da religião, mas se perguntam até que ponto essa razão, a ciência e a técnica, não fizeram para si um altar e o convite de fazer uso do próprio entendimento se tornou instrumento de dominação. Os autores postulam que o esclarecimento se comporta com as coisas como o ditador se comporta com os homens (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24), ou seja, aquilo que propôs autonomia e liberdade, acaba dominando o sujeito convidado a ser livre.

O processo do esclarecimento visa também a desmistificação do mundo. Nesse processo, o mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade, porém o que se gera é alienação sobre aquilo que os homens exercem o poder, eis o preço que é pago por tal projeto (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24). Esclarecer é algo bom, Adorno e Horkheimer concordam com isso, mas criticam a postura da razão iluminista burguesa sobre o processo emancipatório, que tornou a ciência instrumental e colocou nela a resposta para tudo.

Os pensadores frankfurtianos pensam que a razão, a ciência e a técnica devem ajudar o homem a ser melhor, a sanar suas necessidades e não dominar. À ciência e a técnica não podem perder seu intrínseco potencial libertário, transformando-se exclusivista, a ponto de tomar-se numa nova espécie de mito (NODÁRI, 2011, p. 54), ou seja, o projeto de esclarecimento, se não propõe a liberdade se torna aquilo que se contrapõe.

É preciso deixar em evidência, que para Adorno e Horkheimer o projeto da modernidade fracassou. A razão instrumental deixou marcas terríveis, e isso é nitidamente explícito por Horkheimer (citado por HABERMAS, 2012a, p. 634), para ele, “quanto mais alto se propaga e se reconhece a ideia de racionalidade, mais cresce na disposição espiritual dos seres humanos o ressentimento consciente ou inconsciente contra a civilização e sua instância no indivíduo, no eu.”

É evidente que o texto kantiano sobre esclarecimento é atual, porém não se pode simplesmente aceitá-lo, “porque se sabe e se conhece muito bem algumas consequências, não apenas indesejadas ou indigestas, mas também nefastas da soberania áurea da razão instrumental” (NODÁRI, 2011, p. 55). É preciso refletir para não comungar com uma razão instrumentalizada, fruto do projeto iluminista do século XVIII, e assim caminhar para maior autonomia, liberdade e uso público da razão pela espécie humana.

A crítica proposta pela Escola de Frankfurt de que o projeto da modernidade é um fracasso, será o ponto de partida para a análise desenvolvida por Jürgen Habermas, o qual pretende, partindo de leitura kantiana, concluir o projeto da modernidade, pois seguindo suas considerações, encontra-se inconcluso. Habermas, membro da segunda geração da escola, defende que o “erro” dos modernos consistiu em centrar o esclarecimento no homem, individualmente, o que só será possível por meio de uma nova abordagem: o agir comunicativo.

## **2. HABERMAS E A MODERNIDADE: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA**

Habermas, pertencente à segunda fase da Escola de Frankfurt e evidencia que a modernidade é um projeto inacabado, pois foi interrompido pelas críticas e fenômenos históricos que acontecerem ao longo da própria época. O autor reconstrói o ideário da modernidade centralizando-se na razão comunicativa.

Para o autor, é preciso que aconteça o abandono da filosofia da consciência (HABERMAS, 2012a, p. 671), pois é o que está impedindo a conclusão do projeto da modernidade. Por tal motivo, o pensador alemão retoma os postulados kantianos, promovendo uma significativa alteração, migrando do sujeito para a sociedade. Doravante, as relações intersubjetivas tornam-se a possibilidade de conclusão das pretensões da modernidade, o que exige o desenvolvimento de uma racionalidade de caráter comunicativa. “O autor propõe que se faça aprendizado dos descaminhos, que acompanharam a Modernidade, para que só assim, dar ao seu projeto o status de concluído” (Habermas, citado por REESE-SCHÄFER, 2017, p.127).

Deve-se lembrar, todavia, que o projeto da modernidade se fundamenta no sujeito que conhece, que sente, do sujeito que pelo fato de pensar existe (DESCARTES, 2019). A proposta de Habermas é redirecionar o sujeito que estava isolado, em uma relação sujeito objeto, para um inserção do sujeito na sociedade, a partir da relação entre os sujeitos, pois afirma Siebeneichler (2012, p. IX) “o conhecimento racional resulta de um intercâmbio linguístico entre eles”. Ou seja, todo ser humano é dotado de inteligência comunicativa, que o permite conhecer e se relacionar.

Em sua obra, ao trazer essa mudança de paradigma de uma filosofia do sujeito para uma teoria voltada para a sociedade, Habermas afirma que o problema da filosofia é a razão (HABERMAS, 2012a, p. 19), e que está perdeu seu papel de saber totalizante. O autor problematizando a razão instrumental propõe então a razão comunicativa.

Para o frankfurtiano, Habermas, ser racional não significa tão somente alguém que tenha conhecimento, uma grande reserva de saber, mas também alguém que saiba se comunicar. “Racional tem menos a ver com capacidade cognitiva, mas se relaciona com quem também sabe usar da linguagem” (HABERMAS, 2012a, p. 31). A crítica do autor se dá à afirmação de que racional seja apenas sujeitos que possuem conhecimento. Ele traz a ideia de que “racionalidade tem menos a ver com a posse do conhecimento do que com maneira pela qual os sujeitos capazes de falar e agir *adquirem e empregam o saber*” (HABERMAS, 2012, p. 31). Nota-se então uma complementariedade a teoria de Kant, pois não basta fazer uso do seu próprio entendimento, mas torna-se necessário ser capaz de ensinar e transmitir.

Habermas, ao criticar a razão instrumental e propor a razão comunicativa, movimenta-se em dois níveis: o metateórico e metodológico; com isso, ele distingue os dois tipos de razão, comunicativa e instrumental, e a partir disso

vai se constituindo uma racionalidade, que não visa simplesmente o conhecer, mas o saber se comunicar e assim alcançar entendimento entre os sujeitos.

## 2.1 RAZÃO INSTRUMENTAL

A razão instrumental está voltada para fins. Ela não possui o compromisso de promover comunicação entre os sujeitos, mas detém-se na objetividade. Habermas, ao traçar a diferença entre a razão comunicativa e a instrumental, distingue também dois tipos de agir: o comunicativo e instrumental. O agir instrumental está intrinsecamente relacionado à razão instrumental. Pinzani (2009, p. 100), ao comentar sobre a razão instrumental e seu agir, afirma que:

O agir instrumental é caracterizado por uma concepção de linguagem que vê nela um meio para o entendimento: ela pode servir também para outras finalidades e o agente pode visar simplesmente impor uma opinião subjetiva, manipular outros sujeitos ou tratá-los como meios para seus próprios fins, ou alcançar uma determinada meta.

A razão instrumental foi alvo das críticas da primeira geração da Escola de Frankfurt. Segundo Adorno e Horkheimer, foi ela a responsável pelo processo de reificação do homem, que culmina no processo de ressentimento e aversão a sociedade. A razão instrumental, foi responsável por diversos fenômenos para a sociedade moderna, tais como:

Doenças psíquicas clínicas, as neuroses, o aumento dos vícios, os distúrbios psicossomáticos, problemas motivacionais ou educacionais, até a conduta contestatória de contraculturas de inspiração estética, seitas religiosas de jovens e grupos criminais marginalizados” (HABERMAS, 2012a, p. 635)

e estas são conseqüências “de uma racionalização limitada ao que é cognitivo instrumental” (HABERMAS, 2012a, p. 635). Habermas, ainda, explicita que, para a razão instrumental ser considerada racional, ela necessita satisfazer condições necessárias que a possibilita intervir no mundo.

A razão cognitiva instrumental, expõe Habermas (2012, p. 43), “proporciona uma maior independência em relação a limitações que o mundo circundante e

contingente impõe à autoafirmação de sujeitos que agem orientados para um fim”. Porém, esse tipo de ação dificulta o acontecimento do entendimento entre os sujeitos e é esta a chave para compreender a mudança de paradigma proposta por Habermas. É importante registrar que apesar de criticar, o autor não nega ou exclui a razão instrumental, porém a sujeita a razão comunicativa.

## 2.2 RAZÃO COMUNICATIVA, UMA OPORTUNIDADE DE MUDAR O JOGO

Habermas evidencia que o problema central da filosofia é a razão. Ao traçar sua linha de pensamento, o filósofo desloca-se de uma razão instrumental, orientada a fins objetivos, esclarecendo que ser racional não é simplesmente ser alguém dotado de saber, ou conhecimento, mas “racionais, com maior ou menor intensidade, podem ser tanto pessoas que dispõe de saber quanto declarações simbólicas, ações verbais e não verbais, comunicativas ou não comunicativas que concretizem o saber” (HABERMAS, 2012a, p. 32).

Para ele, racional é todo ser humano, seja mulher ou homem, criança ou adulto, políticos ou não políticos, trabalhadores em geral. Porém, racional não são “os peixes ou sabugueirinhos-do-campo, as montanhas, ruas ou cadeiras” (HABERMAS, 2012a, p. 32). Irracionais também, são os atos de guerra, a violência, a falta de compromisso, atos humanos que o ausenta de sua responsabilidade. Portanto, torna-se fundamental que ao fazerem uso da razão, os sujeitos se comuniquem para alcançar o entendimento, através da intersubjetividade.

Esse conceito de *racionalidade comunicativa* traz consigo conotações que no fundo, retrocedem à experiência central da força espontaneamente unitiva e geradora de consenso própria à fala argumentativa, em que diversos participantes superaram suas concepções inicialmente subjetivas para então, graças à concordância de convicções racionalmente motivadas, assegurar-se ao mesmo tempo da unidade do mundo da objetivo e da intersubjetividade de seu contexto vital. (HABERMAS, 2012a, p. 35)

Com a racionalidade comunicativa, os sujeitos ao se interagirem e fazerem uso da fala argumentativa, são capazes de superar convicções subjetivas e alcançar a intersubjetividade em suas relações.

O autor enxerga o homem e sua participação ativa por meio da ação comunicativa que, segundo Sales (2004, citado por BUSTAMANTE 2013, p. 178),

“modifica a relação entre os indivíduos, transformando o subjetivo em intersubjetivo, possibilitando maior compreensão do individual, e do coletivo e do bem-estar social, permitindo a organização social”. Portanto, a comunicação é um conceito importante para a noção de razão comunicativa.

Habermas, ao falar sobre a razão comunicativa, traz consigo a ideia de argumentação. Para o autor, a argumentação é “o tipo de discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos” (HABERMAS, 2012, p. 48). Argumentar para Habermas é uma ação importante, pois através do argumento, que convence ou não, os sujeitos apresentam sua forma de “de enfrentar as questões ‘de modo racional’”. Assim, pode-se deduzir que racional é alguém que consegue agir e responder. Argumentar, também é um reconhecimento do intersubjetivo, pois transforma aquilo que é opinião em saber (HABERMAS, 2012a, p. 61)

A razão comunicativa, proposta na área da filosofia da linguagem, conduz a um agir, a uma práxis, o agir comunicativo. O sujeito, que antes era o iluminado pela razão e resolvia os problemas de sua época, agora é convidado a ser uma comunidade de sujeitos, capazes de se relacionarem pelo diálogo e chegarem ao entendimento. Para tal Habermas apresenta sua teoria sobre o agir comunicativo, que modifica a perspectiva do inacabado da Modernidade, para uma conclusão capaz de fazer um nós atuante e um eu aberto aquilo que advém do outro, fazendo com que os sujeitos se comuniquem.

### **3. TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO: A CONCLUSÃO DE UM PROJETO INACABADO**

A teoria do agir comunicativo quer ser a reconciliação da razão com a modernidade, propondo uma nova saída para o projeto de esclarecimento que está inacabado. Schäfer discorrendo sobre a teoria do agir comunicativo, aponta que o insucesso do projeto da modernidade se dá por conta da “invasão da racionalidade econômica e burocrática em esferas do mundo da vida, às quais essas formas de racionalidade não são adequadas e por isso, levam a perdas de liberdade e de sentido” (SCHÄFER 2017, p. 46). Habermas quer propor com agir comunicativo uma razão que conduza os sujeitos a deixarem ações teleológicas, buscando relações sociais capazes de promover resultados diferentes por meio do entendimento a partir da intersubjetividade, que é a superação de

convicções subjetivas, conseguindo então a unidade de seu mundo objetivo, quanto da intersubjetividade do mundo da vida (HABERMAS, 2012a, p. 35).

O frankfurtiano deseja “promover novas formas de integração social e orientar as ações humanas em outro sentido” (PALERMO, 2013, p. 5). Quer realizar uma deslocação do agir meramente teleológico, para relações sociais que impulsionam o entendimento e assim gerar resultados novos a partir de sua interação. Para que tal entendimento aconteça, Habermas traz a ideia de interação comunicativa, que visa ações voltadas ao entendimento, remetendo-se a teoria dos atos de fala de Austin, pois tal teoria é responsável por evidenciar a fala como um “um agente performativo que exerce influência efetiva na vida humana em sociedade (PALERMO, 2013, p. 6).

A teoria de Austin carrega consigo algo fundamental para a teoria de Habermas, pois apresenta os três atos: locucionário, que corresponde ao uso da linguagem; o ilocucionário, que é a realização “de uma ação na linguagem” (PALERMO, 2012, p. 6); e o ato perlocucionário, podendo relacioná-lo ao agir teleológico (HABERMAS, 2012a, p. 508). O autor evidencia que “com a ajuda do ato ilocucionário, o falante dá a conhecer sua vontade de que se compreenda o que ele diz, enquanto saudação, ordem, admoestação, explicação etc.” (HABERMAS, 2012a, p. 503). Contrapondo-se, então, ao ato perlocucionário voltado para manipulações ou a um fim estratégico.

No desenvolvimento de sua obra, Habermas ao falar da teoria do agir comunicativo, faz a diferenciação dos tipos de agir e suas pretensões, para evidenciar a importância do agir comunicativo bem como sua pretensão que é garantir o entendimento. O primeiro tipo de agir apresentado por Habermas é o agir teleológico, um agir voltado a uma finalidade e que tem por pretensão a verdade, dentro do mundo objetivo, ou mundo físico, nesse tipo de agir “o ator está orientado em primeira linha pela consecução de um fim estabelecido de maneira bastante exata, segundo propósitos claros” (HABERMAS, 2012a, p. 495). Há também o agir normativo, equivalente a vivência em sociedade, tem por pretensão a legitimidade “que são justificadas em discursos práticos (PINZANI, 2009, p. 102), aqui os atores agem motivados por valores em comum. E por último, o agir dramático, que tem por pretensão de validade a autenticidade, ou veracidade, esse tipo de agir “reporta-se à autorrepresentação expressiva diante de um público” (REESE-SCHÄFER, 2017, p. 46). Habermas considera como racional as três pretensões de validade, pois se assim não fosse feito, não seria possível haver comunicação.

É preciso evidenciar o papel da linguagem para Habermas, pois ela é a grande chave para conseguir concluir o projeto da modernidade. O autor evidencia que a “linguagem é um *médium* de comunicação a serviço do entendimento” (HABERMAS, 2012a, p.194), mostra-se com isso que ao se comunicarem, ao fazerem uso da linguagem os sujeitos podem até não concordarem com tudo o que se é exposto, porém podem chegar a um consenso sobre algo, que segundo o autor é o “reconhecimento intersubjetivo da pretensão de validade que o falante une a um exteriorização” (HABERMAS, 2012b, p. 221)

É importante apresentar a aposta que Habermas faz nos atores da comunicação, pois segundo ele “são os próprios atores que procuram o consenso e o medem conforme a verdade, a correção e a veracidade” (HABERMAS, 2012a, p. 192), apresentando a relação entre os três mundos, objetivo, subjetivo e normativo, e a movimentação entre eles até chegarem ao entendimento, que autor destaca como sendo a “união dos participantes da comunicação sobre a validade de uma exteriorização” (HABERMAS, 2012b, p. 221). Mas para que tal entendimento e consenso aconteça é preciso um contexto, já pré-determinado, que muitas vezes os atores da fala não se dão conta, o mundo da vida<sup>3</sup>.

Torna-se necessário frisar que o agir comunicativo acontece quando os participantes da fala estão vinculados à um pano de fundo, ou seja, ao mundo da vida. Habermas evidencia que “o agir comunicativo depende de contextos situativos que, de sua parte, representam recortes do mundo da vida concernentes aos participantes da interação (HABERMAS, 2012a, p.485). Por isso, o autor traz a ideia desse cotidiano que possibilita a interação, pois é a partir dele que os sujeitos fazem acontecer a intersubjetividade e se comunicam nele e por ele.

### 3.1 MUNDO DA VIDA

O conceito de mundo da vida é introduzido por Habermas como sendo início do processo de entendimento. É no mundo da vida que os “sujeitos que agem comunicativamente buscam sempre o entendimento” (HABERMAS, 2012a, p. 138). É um contexto não problematizado pelos sujeitos, porém é nele que pode acontecer o processo da intersubjetividade.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que o conceito de mundo da vida não é um conceito próprio do autor, mas é anterior a ele, pois pode ser remontado a filosofia de Edmund Husserl (HABERMAS, 2012b, p. 228).

O mundo da vida funciona como um pano de fundo para os sujeitos. É o lugar transcendental onde os sujeitos conhecem, agem e se comunicam fazendo acontecer a intersubjetividade (HABERMAS, 2012b, p. 231). É no mundo da vida, no cotidiano, que os indivíduos se interpelam, e fazem com que os três mundos, objetivo, normativo e subjetivo se encontrem, e assim resolvem aquilo que é divergência obtendo consenso.

O mundo subjetivo ou esfera da cultura é onde os indivíduos podem se entender a partir dos conhecimentos acumulados ao longo do tempo, a partir de “uma cultura comum partilhada” (PALERMO, 2013, p.9). O mundo social, que o autor evidencia como sendo o lugar em que os indivíduos relacionais legitimam sua presença a partir de normas de convivência e de convicções; e também o mundo subjetivo, como sendo o mundo onde a cultura e as normas se sintetizam e se inserem por meio dos processos comunicativos e da linguagem (FIEDLER, 2006, p. 96).

Habermas para falar do mundo da vida, o distingue pelas seguintes características:

1. Ele é dado incontestavelmente aos sujeitos viventes, de modo que nem se quer possa ser problematizado, mas eventualmente possa desmoronar.
2. Os seus pontos em comum estão adiante de qualquer dissenso possível. Ele não pode se tornar controverso na forma de conhecimento intersubjetivamente partilhado, mas no máximo decompor-se.
3. Situações mudam, as fronteiras do mundo da vida, porém, são intransponíveis e formam um contexto por princípio inesgotável (Habermas citado por REESE-SCHÄFER, 2012, p. 55).

O conceito de mundo da vida apresentado pelo filósofo anda intrinsecamente relacionado a sua teoria do agir comunicativo, pois é onde acontece a conformação dos horizontes e dos contextos sociais. É no mundo da vida, que “os participantes da comunicação chegam a um entendimento sobre alguma coisa” (HABERMAS, 2012a, p. 581). Portanto é o local das mudanças.

As interações que acontecem no mundo da vida, ocorrem porque os atores da comunicação agem a partir desse contexto vital, pois sem ele não há ação linguística (FIEDLER, 2006, p. 96). As situações de interação ocorrem a partir

de um recorte deste mundo da vida por um determinado tema. Habermas aponta que:

Um tema surge no contexto de interesses e fins da ação de pelo menos um participante; ele circunscreve o *âmbito de relevância* dos componentes tematizáveis da situação, sendo realçado pelos *planos* que os participantes elaboram a partir de uma interpretação da situação tendo em vista determinados fins. (HABERMAS, 2012b, p. 233)

O agir voltado para entendimento necessita que os participantes atuem em comum acordo sobre suas pretensões, para se evitar o dissenso ou o mal-entendido e o insucesso, pois querem chegar ao entendimento.

O contrário do mundo da vida é o sistema, que pode ser entendido como sendo todo contato social. Autores anteriores a Habermas, como Luhmann, afirma que a sociedade é o sistema, porém Habermas aponta que a sociedade deve ser vista como sendo mundo da vida, pois nela os agente da comunicação se interagem. Habermas (citado por REESE-SCHÄFER, 2012, p. 56) propõe “conceber a sociedade, ao mesmo tempo, como sistema e mundo da vida”.

O autor defende que não é o sistema responsável pela patologia da modernidade, porém aponta que só quem sabe diferenciar sistema de mundo da vida, que irá conseguir visualizar as patologias da modernidade (HABERMAS citado por REESE-SCHÄFER, 2012, p. 57). Porém, o mundo da vida sofre com outro problema, a racionalização que aumenta a complexibilidade do sistema social.

O local de possibilidades, a sociedade, vê-se impossibilitado de concretizar seu papel que é garantir espaço para as relações, pois a tecnocracia, resultado dessa racionalização do mundo da vida, impede que os sujeitos se interajam. Habermas aponta que esse processo deforma a estrutura simbólica do mundo da vida (HABERMAS citado por REESE-SCHÄFER, 2012, p. 57). A crítica a tecnocracia acontece porque ela deixa a sociedade escrava do dinheiro, do poder, gerando assim a reificação, transformando os sujeitos em mero objetos. A tecnocracia impede a interação comunicativa, ela despolitiza o homem, pois assim os sujeitos não se esclarecem por meio comunicação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Habermas dá um novo viés a razão, pois não a vê como simples processo de reificação, mas como possibilidade de fazer com que os sujeitos se entendam. Ele nota que é preciso haver interação para que os sujeitos se esclareçam, pois ser racional é ser capaz de ter conhecimento, de comunicar e de agir. Não basta que um sujeito se esclareça, Habermas quer esclarecer a sociedade no seu todo.

Diferentemente de seus antecessores, ele acredita na razão e na modernidade. Pode ser que todo o processo tenha sido tido como fracassado, mas é preciso analisar as causas que levaram esse fim. Habermas aponta que é necessário mudar o eixo, fazer uma nova revolução copernicana, mudando o modelo. Não mais a razão instrumental, que visa o sucesso individual, resultado da traição do projeto da modernidade. É preciso desvencilhar-se da razão instrumental, pois ela elimina dimensões importantes da vida humana, em especial a interação.

A razão instrumental gera a tecnocracia, a causa das patologias da modernidade, pois faz com que o ser humano se despolitize, perca a interação. Essa despolitização torna as pessoas ocupadas, descuidando-se da esfera da interação e se preocupando demasiadamente com esfera do trabalho. Isso tudo fragmenta a democracia em detrimento da economia.

Para sair desse modelo, Habermas problematiza trazendo a ideia do mundo da vida, como sendo o local de possibilidades que permite a interação. O mundo da vida é um pano de fundo que possui um enorme depósito de conhecimento que precisa ser acessado, também é o espaço das relações reguladas onde o sujeito é ator de transformação social, e isso é prejudicial a tecnocracia.

A proposta de Habermas, para que a pessoa se torna um agente de transformação social, é descomprimir a esfera da interação, deixando a esfera do trabalho no seu lugar, pois faz parte da vida humana que é interação. Ele deseja que os sujeitos usem a razão comunicativa e ajam voltados para o entendimento. O autor vê que é na prática da linguagem que esse processo de concretizar a modernidade vai acontecer. É preciso usar da comunicação para que a sociedade, fragmentada pela racionalização do mundo da vida, se esclareça e se torne efetivamente racional.

## REFEÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 4.ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BURKE, Peter. O mito do renascimento. In: \_\_\_\_\_. **O Renascimento**. Tradução de Rita Canas Mendes. 1. Ed. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008. p. 10.

BRÍGIDO, Edimar. Esclarecimento (*aufklärung*): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, Ana Cássia. et al. **Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

DESCARTES, René. **Discurso do método**: Meditações. 02-09 de abril de 2019. 4 p. Notas de aula.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Teoria do agir comunicativo**: Sobre a crítica da razão funcionalista. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b.

FIEDLER, Regina Célia do Prado. A teoria da ação comunicativa de Habermas em uma nova proposta de desenvolvimento e emancipação do humano. **Revista da Educação**, [s.l], n. 1, p. 93-100, 2006.

KANT, Immanuel. **Resposta ao que é esclarecimento**. In: \_\_\_\_\_. Esclarecimento (*aufklärung*): uma proposta kantiana. In: GABRIEL, Ana Cássia. et al. **Diálogos contemporâneos entre Filosofia e Educação**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. p. 137-149.

MARCONDES, Danilo. Filosofia Moderna. In: \_\_\_\_\_. **Iniciação à história da filosofia**: Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 13 ed., 2007, p. 150-281. Disponível em: <http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/09/Iniciacao-a-Historia-da-Filosof-Danilo-Marcondes.pdf>. Acesso em: 13 de junho de 2019

MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. Renascimento. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-renascentista/renascimento/>. Acesso em: 13 de junho de 2019

NODÁRI, Paulo César. Esclarecimento em Kant: Algumas ponderações críticas à luz da leitura de Adorno e Horkheimer. **Argumentos**, Ceará, n. 6, p. 42-57. 2011.

PALERMO, Luis Claudio. A importância da teoria do agir comunicativo na atualidade: racionalidade, mundo da vida e democracia deliberativa. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 6, p. 01-17, dez. 2013.

PINZANI, Alessandro. **Habermas**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 200 p.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: do humanismo a Descartes. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004. V. 3. p. 67.

\_\_\_\_\_. A Escola de Frankfurt. In: \_\_\_\_\_. **História da filosofia**: De Nietzsche à Escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. V. 3. p. 471. (Coleção da filosofia; 6)

REESE-SCHÄFER, Walter. **Compreender Habermas**. Tradução de Vilmar Schneider. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Série Compreender

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. Apresentação à edição brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Teoria do agir comunicativo**: Racionalidade da ação e racionalização social. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. VII-XXVI, 2012a.